

Vila Nova de Gaia,
1 de Setembro - 1997

Amigo Rui:

Aí vai, despachado em grande velocidade (em "menor azul", quem dirá) o meu poema. Vai com a indicação "inédito", que talvez seja convenientemente mentir, já que não tenho ainda publicações em livros ou revistas.

Fico muito contente por saber de volta (e espero que não seja de mais, a "última vez") ao público correntino e aos seus admiradores, em número do país, bem sabe, me conto desde há muito - desde sempre. Dê-me promessas de exposição quando puder: lugar e data.

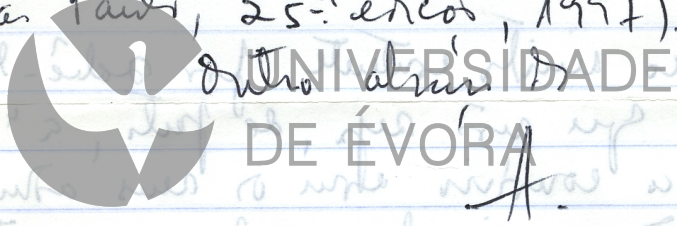
Dás onde fica essa "mítica Atlântida", de que me diz ter apraz repassado, a não ser na imaginação? E não é de lá, na verdade, que vêm todos os "sons do princípio do mundo"? É, reparas, o meu Amigo um ditador, afinal, de poeta. É que algumas das suas "críticas", como diz, datam de 1995. E se elas são "talvez mais presas" de que qualquer outra coisa, tanto melhores. A presas é o Génesis, o princípio ("ao princípio era o verbo", como se lê na Bíblia).

D. meus muito sinceros e antecipados parabéns.

Espero que apanhe mais artigos seus, abrace-o
deu a mão e o seu

—————
Eeeeeeeeee
—————

P. S. - Julgo que é o poema inédito
("Leitura de meu desenho de Cruzias Leiras") que me pede
cópia. O outro ("Cruzias Leiras: o desenho filtra
a sombra") está publicado no meu livro Entre
a lince e o dosto, que lhe envio em devido tempo
e anorece a honra de ser selecionado pelo Professor
Dassaud Dóris, que o incluiu no volume A Lite-
ratura Portuguesa através do Texto (Editora
Cultrix, São Paulo, 25.ª edição, 1997).



LEITURA DE UM DESENHO DE
CRUZEIRO SEIXAS



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	FCS

01-216.31

Crescem árvores
de raízes voláteis
no sono
do cavalo. No estandarte
das crinas desfralda-se
o incêndio das marés e é dos peitos
húmidos que as pernas
e os cascos nascem. É
com elas e também
com eles que esboça
no crepúsculo
o voo permitido pelo sexo
oculto nos olhos.

Albano Martins

Albano Martins